



CENTRO CULTURAL VILA FLORES: EXPERIÊNCIA COLABORATIVA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Renata Bastos Dellaméa
Judite Sanson de Bem

Resumo

O objetivo do artigo é analisar o Centro Cultural Vila Flores no desenvolvimento local. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica e estudo de caso. Os resultados apontam para uma gestão colaborativa de projetos e parcerias culturais.

Palavras-chaves: Vila Flores; desenvolvimento local; gestão cultural.

1 INTRODUÇÃO

O 4^o. Distrito¹ de Porto Alegre vem adotando ações para fomentar o desenvolvimento da região, seja pelo setor público, privado e comunidade. A região, que por muito tempo se apresentava deprimida economicamente, começou, a partir da década de 1990, a reverter esse processo, através de iniciativas voltadas para o setor de serviços e comércio, como é o caso do Centro Cultural Vila Flores.

Gerida pela Associação Vila Flores, a mesma se define como uma entidade cultural e educacional que promove ações criativas capazes de mobilizar a comunidade do entorno e frequentadores habituais do espaço. O Vila Flores é um local colaborativo importante para o desenvolvimento da região, oferecendo seu espaço para que empreendimentos inovadores lá se instalem. Por ter um processo de gestão compartilhado onde os associados contribuem, permanentemente, nas tomadas de decisões, o Vila Flores pode ser considerado um modelo de ação cultural bem sucedido para a região.

O objetivo deste artigo é analisar a atuação da gestão do Vila Flores no processo dos projetos culturais de forma a entender sua contribuição no

¹ O 4^o. Distrito se designa como uma área de Porto Alegre que inclui os bairros Navegantes, São Geraldo, Floresta, São João, Humaitá, Farrapos e Centro Histórico. A denominação do termo remonta o século XIX, quando Porto Alegre organizava-se em distritos.



desenvolvimento local. Quanto ao método, o trabalho é exploratório, utilizando-se de procedimentos bibliográficos e estudo de caso. A pesquisa é de natureza qualitativa. Nesse sentido, esse artigo está subdividido em três seções, a *primeira* relativa à revisão bibliográfica sobre desenvolvimento e território; a *segunda* apresenta o Centro Cultural Vila Flores, incluindo histórico, gestão e parcerias; e a *terceira*, analisa a forma como o Vila Flores se relaciona com o desenvolvimento local, além das considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO E TERRITÓRIO: REFLEXÕES INICIAIS

A abordagem conceitual sobre desenvolvimento econômico não é recente, e seu estudo ganhou destaque a partir dos anos 80 quando os desequilíbrios entre as regiões ficaram mais evidentes causados pela reorganização produtiva internacional. Na época, o foco do desenvolvimento se fixava na sustentabilidade e na endogenia, e é nessa última, que os desequilíbrios entre as regiões apresentaram as maiores contribuições e os melhores mecanismos de ações políticas para reverter o processo. (FILHO, 2001)

A abordagem do desenvolvimento da base para o topo, ou seja, desenvolvimento endógeno, foi construído na tentativa de entender os motivos que levavam regiões, com as mesmas dotações de fatores produtivos, a apresentarem níveis tão diferenciados de crescimento. Os fatores existentes dentro de cada região - como capital social e humano, conhecimento, pesquisa e desenvolvimento, informação e instituições - passaram a ser entendidos como elementos internos ou endógenos no território. Desenvolvimento entendido como:

Um processo interno de ampliação contínua da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Este processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto, e da renda local ou da região, em um modelo de desenvolvimento regional definido.²

O desenvolvimento passou a ser composto sob duas dimensões: uma *econômica* onde “a sociedade empresarial local utiliza sua capacidade para organizar, da forma mais produtora possível, os fatores produtivos da região” e outra *sócio-*

² FILHO, 1996 apud FILHO, 2001, p.88.



cultural onde “[...] os valores e as instituições locais servem de base para o desenvolvimento da região.”³ Isso posto, permitiria a sociedade se destacar na condução de seu próprio desenvolvimento identificando os fatores produtivos disponíveis no seu território, fortalecendo e qualificando as estruturas internas, onde a participação e as relações sociais como solidariedade, integração social e cooperação, se constituiriam em elementos de transformação das regiões. Reforçava-se, assim, a ideia do desenvolvimento considerar o capital social e sua influência, trazendo um conjunto de características da organização social que compreendessem “as redes de relações, normas de comportamento, valores, confiança, obrigações e canais de informação” e permitissem a tomada de ações colaborativas que resultassem no “benefício de toda comunidade”. Capital social incluindo “cooperação” e “confiança” (PUTNAM, 1996) e comunidades voltadas à colaboração e a participação, que entendessem a “importância do trabalho em conjunto e do civismo, abertos à mudança e preparados para criarem e inovarem.”⁴

No artigo “*Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político*”, BOISIER (1996) apresenta ideias e conceitos sobre os fatores causais do desenvolvimento, em escala territorial, e coloca a concepção de desenvolvimento como uma conjugação de três cenários: contextual, estratégico e político. Enquanto o primeiro enfatiza o processo de abertura interna e externa nos territórios, o segundo aponta para uma nova configuração territorial e novas modalidades de gestão regional. No terceiro, o autor destaca a interação entre a modernização do Estado e as novas funções dos governos territoriais. Ou seja, para que um território se desenvolvesse uma “animação social”, composta de sinergia e informação, deveria fazer parte do processo, e isso deveria vir “[...] da articulação e das condições de manejo de seis elementos... atores, instituições, cultura, procedimentos, recursos e entorno.” (BOISIER, 1996, p. 137)

Muitos termos serviram para designar essas articulações, tais como: distrito industrial, polos de desenvolvimento, clusters, arranjos produtivos, ambientes inovadores, sistemas produtivos e arranjos produtivos locais. No entanto, mesmo com uma diversidade de arranjos de gestão e organização, as regiões devem é buscar “a

³ BARQUERO, 1988, apud FILHO, 2001, p. 88.

⁴ MARSHALL, 1998, apud FILHO, 2001, p. 91.



melhor forma de se negociar os conflitos e conduzir um processo de repactuação mais abrangente, democrático e aberto entre os vários agentes e escalas de poder”, devendo inclusive considerar contextos socioeconômicos, políticos, históricos e jurídicos.⁵ Mais ainda, as regiões devem pensar o desenvolvimento para além dos “novos arranjos do sistema produtivo ou da nova ordem econômica empresarial” e incluir “as estratégias sociais, de sobrevivência e de geração de renda”. Devem pensar o desenvolvimento incluindo dimensões humanas como as ações coletivas, participativas e populares; além da valorizar os elementos sociais, históricos e culturais predominantes nas regiões em desenvolvimento. (PIMENTA, 2014)

Nesse sentido, espaços participativos reforçam a ênfase do desenvolvimento endógeno, na medida em que a tomada de ações conjunta se constitui num gerador de capital social. As práticas participativas regionais representam, então, uma oportunidade para que o debate e a tomada das decisões coletivas estreitem os laços de confiança. COELHO e FAVARETO (2008) reforçam isso, e apontam que a ampliação da participação muda qualitativamente o processo decisório alterando a distribuição dos recursos e a implementação das políticas, permitindo fomentar a negociação e a cooperação bem como aumentar a confiança e coordenação entre os atores. Para garantir que a participação social contribua para o desenvolvimento, o funcionamento dos espaços também deve incluir regras e procedimentos que permitam todos os envolvidos terem participação. O comprometimento e a abertura dos gestores são questões que também devem ser considerados a fim de garantir a “permeabilidade do ambiente institucional às demandas trazidas pela participação.” Além disso, a disseminação da ideia que a eficiência coletiva se dá por ações “empreendidas na geração de valores regionais comuns e na redução de distância culturais entre os agentes regionais” são aspectos que merecem atenção, onde “a aproximação e a articulação de agentes para o sucesso de práticas regionais de cooperação serão condicionadas também pelos mecanismos de comunicação e interação adotados”. (FILHO, 2001, p. 103)

Nessa perspectiva, os termos território e territorialidade se mostram importantes para o processo de desenvolvimento num sentido mais plural. Território entendido como “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais”,

⁵ SALET et al., 2003, apud KLINK, 2009, p. 418.



enquanto que territorialidade tida como “[...] relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas [...] e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado geográfico.” (ALBAGLI, 2004, p. 28)

A territorialidade reflete, assim o vivido territorial em toda sua abrangência e em múltiplas dimensões, onde as práticas sociais são reflexos das relações com o meio de referência que pode diferir-se em cada área e articular-se de diferentes formas. Como dimensões de territorialidade pode-se ter a física, a política-organizacional, a simbólica e a econômica, sendo que as duas últimas possuem forte ligação com a questão da identidade e interações locais. A dimensão *simbólica* engloba as relações culturais e afetivas entre um grupo e lugares particulares. Nessa dimensão, o território é produto da formação de identidades individuais e coletivas onde as representações “[...] sociais, imagens, símbolos e mitos projetam-se e materializam-se no espaço, transformando-se em símbolos geográficos, fornecendo referências e modelos comuns aos atores sociais e cristalizando-se uma identidade territorial.” (ALBAGLI, 2004, p.40) Já a dimensão *econômica*, engloba a organização espacial dos processos sociais de produção, consumo e comercialização, onde o território está alicerçado na divisão do trabalho e no processo de acumulação de capital. O papel das regiões reforça as interações locais para promover a inovação e aprendizado, cultura empreendedora, cooperação tecnológica, produtiva e comercial.

Diante dessas reflexões iniciais sobre desenvolvimento, apresenta-se, na seção seguinte, o Centro Cultural Vila Flores.

3 VILA FLORES: GESTÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

3.1 Histórico

Localizado na antiga zona industrial de Porto Alegre, o Vila Flores é um espaço cultural colaborativo cuja proposta representa um importante motor para o desenvolvimento da região do 4º. Distrito. No século XIX, Porto Alegre organizava-se em distritos e, naquela época, a região se destacava por apresentar uma grande aglomeração de atividades comerciais e industriais, por concentrar o porto fluvial e



atrair centenas de trabalhadores que lá se instalavam em busca de melhores oportunidades de emprego.

Por ter sido uma região formada por uma grande diversidade étnica, produto da população local e imigrante, a região “[...] revelou uma identidade própria, produto social transformado [...] um bairro cidade com alto grau de autonomia e pluralidade” onde os trabalhadores construíram “[...] uma forte noção de identidade permeada por inúmeros fatores sociais de distinção e particularização, mas baseada acima de tudo nas experiências comuns vividas, compartilhadas, preservadas e reelaboradas [...]” (BALTAR, 2010, p. 22). Muitos prédios serviram como residências para os moradores e trabalhadores na década de 1920, como foi o caso do projeto habitacional Vila Flores composto por dois edifícios que totalizavam 2.332m² de área construída com 32 apartamentos.

Figura 1 – Aquarela do arquiteto Joseph Lutzenberger,
Prédio do Vila Flores



Fonte: Acervo Digital Vila Flores

No entanto, nos anos 1970 a região sofreu com a diminuição das atividades econômicas, à medida que as empresas que ali haviam se instalado estavam em processo contínuo de realocação ou para a Zona Norte de Porto Alegre, ou para outros municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), fazendo com que o poder público intensifica-se “o caráter industrial da região”. A decadência da área já



era evidente e os prédios arquitetônicos, por mais que possuíssem valor histórico, encontravam-se abandonados e degradados, como pode ser visto na Figura 2 e 3.

Figura 2 – Antiga fábrica
de fogões Wallig



Foto: Lauro Alves

Figura 3 – Antiga fábrica
de fogões Wallig



Fonte: Jornal RBS

Diante desse quadro, ao longo da década de 1990, diferentes iniciativas objetivaram a retomada das atividades econômicas na região, entre elas o prédio Vila Flores que, em 2010, iniciou, juntamente com a comunidade local, artistas e coletivos da cidade para que houvesse uma readequação do seu uso como um espaço cultural, núcleo de práticas colaborativas relacionadas à economia criativa. Tal propósito era a revitalização cultural do 4º. Distrito. (WALLIG E SIELSKI, 2013) O Vila Flores, hoje, é uma referência local na realização de atividades socioculturais e educacionais estando localizado em uma Área de Interesse Cultural, conforme o plano de desenvolvimento urbano do município, e pertencente ao Inventário do Patrimônio Cultural de Bens e Imóveis do Bairro Floresta. (Figura 4 e 5)



Figura 4 - Centro Cultural Vila Flores, vista do prédio na lateral



Foto: feito pelas autoras

Figura 5 – Vista interna do pátio



Foto: feito pelas autoras

Desde 2013, a Associação Cultural Vila Flores é responsável por sua gestão e pela articulação junto ao poder público, iniciativa privada, comunidade local, tendo como gestora cultural a Sra. Aline Bueno. A Associação é uma entidade criada sem fins econômicos, comprometida em desenvolver ações que busquem o desenvolvimento local, onde o processo de tomada de decisões é feito de maneira colaborativa e compartilhada. Conforme as regras de gestão, o conjunto não mais possui moradores nos seus prédios, sendo destinado a abrigar artistas, empreendedores criativos e profissionais de diversas áreas como arquitetura, engenharia, design, comunicação, tecnologia, vestuário, teatro, artes entre outros, contribuindo para formar uma identidade própria onde a diversidade cultural existente prevalece. As áreas ocupadas pelos residentes variam entre 20 a 25 m², devendo mensalmente destinar à Associação um valor de aluguel.

4 A GESTÃO DA ASSOCIAÇÃO: PRÁTICAS COLABORATIVAS DE DESENVOLVIMENTO

4.1 Estatuto

Para conhecer a forma como o Vila Flores contribui para o desenvolvimento local, é importante detalhar um pouco mais sobre sua gestão que, desde 2013, se encontra nas mãos da Associação Vila Flores. Conforme o estatuto, a Associação é uma entidade de caráter cultural, recreativo, técnico, educacional ambiental e científico, objetivando desenvolver atividades que possam servir de exemplo para toda



a sociedade e para o desenvolvimento sustentável. Para atingir esse objetivo, conta com os associados que classificam-se em: fundadores, honorários, efetivos e corporativos. Os associados *fundadores* são as pessoas que participaram da ata de inauguração da Associação; os *honorários*, pessoas que tenham se destacado na valorização da cultura e do esporte e que contribuam para os objetivos da entidade; os *efetivos*, pessoas aceitas pela Associação; e os *corporativos*, empresas que exerçam atividades de promoção ou patrocínio a cultura e esportes, bem como instituições de ensino ou pesquisa. Como qualquer outra associação juridicamente constituída, os associados têm direitos e deveres. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2014)

Além das contribuições dos associados, os bens móveis e imóveis; as doações e subvenções; bem como os resultados das próprias atividades desenvolvidas constituem-se como importantes recursos para a entidade. Para que esses recursos sejam administrados de forma eficiente, a estrutura organizacional da entidade é um ponto de destaque, subdividindo-se em Assembleia Geral, Diretoria Executiva, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal, onde cada uma apresenta competências bem definidas. O Conselho Consultivo é o órgão que traça a política da Associação, elencando suas prioridades, programas e ações. Nesse aspecto, em visita ao Vila Flores, em outubro de 2016, a gestora cultural destacou que nas reuniões entre os associados, o planejamento é feito de forma conjunta, baseando-se em quatro eixos norteadores: arte e cultura; educação; empreendedorismo; e arquitetura e urbanismo. Além disso, todos os residentes participam ativamente das atividades culturais, desde a discussão e concepção inicial da ideia até apresentação da atividade em si, ou seja, o envolvimento dos residentes ultrapassa a oferta do serviço ou comércio de seus produtos. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2014)

4.2 A parceria estadual: Vila Flores e o Pró-Cultura do RS

Uma das ações importantes da gestão do Vila Flores, foi a iniciativa de concorrer a um edital público para obter recursos que financiasse a continuidade das atividades culturais do espaço. Para isso, foi elaborado, em 2016, pela gestora cultural, o projeto “*Vila Flores, uma experiência aberta*”, submetido ao Edital Pró-Cultura da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, objetivando realizar atividades culturais transdisciplinares.



Como justificativa para a obtenção de apoio, o projeto enfatizou, primeiramente, o esforço para integrar profissionais da área da arte, cultura, educação e empreendedorismo social colaborativo e criativo, oferecendo uma agenda permanente para a comunidade local, tendo em vista a grande aderência dos moradores locais às iniciativas elaboradas pela Associação Vila Flores. Com isso, haveria um significativo impacto “no sentido de revitalização de um patrimônio histórico” além de contribuir para a regeneração urbana do entorno e engajar a comunidade “em diálogos sobre espaços de convívio e bens culturais e sociais”. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2016, p. 5) Com a criação de mercados culturais gerados pelas ações trans e multidisciplinares do projeto, os profissionais residentes, ou não, abririam perspectivas a seus produtos oportunizando a circulação de bens, pessoas e ideias. A produção de riqueza impactaria no desenvolvimento local onde as atividades geradas tenderiam a formar redes de negócios criativos, conhecimento do patrimônio histórico e aproximação da cultura e educação através do contato com as escolas da região. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2016, p.10)

No projeto, as atividades foram planejadas para ocorrerem durante quatro meses de 2016, entre setembro e dezembro, enfocando diversos aspectos culturais e em diferentes linguagens, onde em cada mês uma temática seria definida para “[...] construir conhecimento de forma coletiva, promover o acesso de todos os públicos aos bens culturais e conectar os moradores do bairro e comunidade em geral com a produção dos grupos residentes no Vila Flores.” (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2016, p. 10) Os temas das atividades elencados foram Música, Artes Cênicas, Audiovisual e Artes Visuais, e a programação composta de 21 atividades presenciais. As atividades desenvolvidas foram: um evento de arte cênicas; um evento musical; uma exposição de artes visuais; uma mostra audiovisual; quatro oficinas; quatro conversas com artistas, oito visitas de instituição de ensino e um evento de encerramento.

Para abranger um raio maior de ação, estratégias de divulgação do evento também foram pensadas, como meios eletrônicos - site, e-mail e redes sociais - além de materiais impressos, faixas e cartazes visando aproximar os diferentes públicos. E como forma de aumentar o poder de difusão da cultura digital, transmissão ao vivo das conversas com os artistas e das oficinas foram oportunizadas, além da criação de uma



plataforma para que os participantes das oficinas apresentassem suas experiências sobre os assuntos abordados.

As vagas das atividades seriam destinadas, prioritariamente aos moradores locais, fazendo com que a aquisição dos bens e serviços culturais pela comunidade mais próxima fosse a maior beneficiária. Também foram previstas visitas guiadas para escolas e universidades do entorno, públicas ou particulares. A questão social da acessibilidade foi, ainda, contemplada no projeto, onde nas atividades desenvolvidas, a participação de profissionais especialistas na inclusão de pessoas com deficiência foram convidadas.

Como resultados dessa ação, todas as metas e contrapartidas foram alcançadas, conforme apontou o relatório detalhado de conclusão submetido à Secretaria da Cultura ao final da sua execução. Quanto às metas, o projeto conseguiu aproximar artistas residentes e não residentes; incentivar interações transdisciplinares entre diferentes áreas e linguagens artísticas; oferecer oficinas, conversas, visitas, espetáculos, mostras e exposições; promover acesso da comunidade; garantir acessibilidade; qualificar a programação cultural; promover a inclusão; gerar mercado de trabalho e renda; estimular projetos de iniciação artística; incentivar a formação de plateias e contribuir para a ampliação da interface entre cultura e educação bem como entre cultura e turismo. (ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2017)

4.3 A parceria internacional: Vila Flores e Goethe Institut

Além da parceira com o Estado, o Vila Flores possui uma relação próxima com o, Goethe Institut localizado na mesma região. O Goethe é uma entidade alemã voltada à educação e cultura, pertencente à rede internacional Goethe, tendo como objetivos promover a imagem, apresentar a cultura e língua alemã e inseri-las no sistema educacional brasileiro. Como prioridade, o instituto volta-se a construir relações pessoais e institucionais entre os cenários culturais na Alemanha e no Brasil tendo como parceiros o público interessado na cultura alemã, estudantes, universitários, especialistas, tomadores de decisão e formadores de opinião nas áreas de cultura, política, economia, comunicação, pesquisa e ciência. (GOETHE INSTITUT, 2017)



Imbuído nesse propósito, em 2015, o Goethe, em comemoração aos seus sessenta anos, patrocinou várias atividades culturais, onde a programação foi composta de apresentações de filmes, teatro e música, além de exposições, leituras e mesa redonda com diversos especialistas. Através de um seminário e de uma oficina sobre formas de economias alternativas, o Vila Flores esteve presente. Essa parceria foi parte integrante da mesa redonda “*Compartilhar e Trocar – Seminário Internacional de Economia Colaborativa*” composta de convidados internacionais e locais que abordaram o tema da economia global e suas alternativas. Conforme a gestora cultural do Vila, o evento foi uma prévia da apresentação para outro evento que aconteceria na Alemanha, o “*Kultursymposium*”, isso é:

Em 2015, idealizamos e produzimos junto com a equipe do Goethe-Institut Porto Alegre um seminário que antecedeu as discussões sobre o tema “compartilhar e trocar” que seria abordado em um grande evento na Alemanha em 2016, o Kultursymposium. O seminário foi realizado em três dias e consistiu de palestras e debates no auditório do Goethe-Institut e relatos de experiências em economia solidária e um jogo sobre moedas alternativas no Vila Flores. O seminário nos proporcionou o contato com pessoas que há muito se envolvem teórica e praticamente com diversas formas de economias alternativas. O evento permitiu que nos aprofundássemos em questões com as quais estávamos envolvidos na época como moedas alternativas, novas formas de produção e consumo e reflexões acerca de relações econômicas mais justas e equitativas. Mas certamente, podemos dizer que conhecer pessoas e trocar experiências e conhecimentos com elas foi o mais valioso do processo de organização e execução do seminário. (BUENO, 2017)

Em 2016, o Vila foi convidado pelo Goethe a participar do evento “*Comunes – Encontro Internacional de Economias Colaborativas e Cultura Livre*” em Buenos Aires na Argentina, onde pode estreitar relações com os demais participantes durante um almoço no espaço holístico Akapacha, em Chascomus. Nesse evento, a aproximação com pessoas envolvidas na prática de projetos alternativos de desenvolvimento foram fortalecidas. No evento, a gestora cultural teve a oportunidade de conhecer iniciativas da Argentina, Colômbia e Venezuela, participar de mesas de debates, realizar uma oficina de projetos colaborativos e visitar espaços culturais sustentáveis, onde:

A experiência de apresentar o Vila Flores e participar de debates sobre economias colaborativas em um outro país nos fez ver o quanto estamos conectados com uma rede de pessoas que buscam

2017

VIII Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
Desenvolvimento Regional
mestrado e doutorado

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

novas formas de produção, de consumo e de comportamento. Conhecemos pessoas com projetos semelhantes ao Vila Flores, porém em diferentes contextos, com as quais pudemos trocar experiências sobre gestão, produção e engajamento de pessoas aos projetos. Em Buenos Aires e na cidade de Chascomús pudemos visitar espaços colaborativos e compartilhados de arte, cultura, educação e sustentabilidade. Nesses locais, participamos de algumas vivências como almoços coletivos, oficinas e rodas de conversa. A ida à Argentina nos conectou com Marcela Basch do site El Plan C e com Adriana Benzaquen do Minka Banco De Las Redes com as quais mantemos contato até hoje. São duas pessoas muito ativas no tema da economia colaborativa e da cultura livre. (BUENO, 2017)

No mesmo ano, o Vila Flores participou do evento “*Kultursymposium*”, em Weimer na Alemanha, sob o tema “*The sharing game: Exchange in culture and society*”. Nessa oportunidade, o Vila Flores apresentou sua proposta - alternativa, colaborativa e compartilhada - de gestão e, ainda, pode ter contato com outras ações empreendidas pelos participantes europeus. Como ressaltou a gestora cultural:

Na Alemanha participamos de um debate e apresentamos o Vila Flores em um painel. Tivemos a oportunidade de tomar conhecimento de como os europeus, principalmente os alemães, enxergam o tema da economia colaborativa e compartilhada. Conhecemos também pessoas de muitos países, o que nos alimentou de diversas outras visões a respeito desses temas. A experiência de conhecer diferentes perspectivas, através de pessoas que vivenciam na prática e no dia-a-dia novas maneiras de produzir, distribuir e consumir, provocou reflexões que já de volta no Brasil, pudemos discutir com os outros integrantes do Vila Flores. Essas experiências nos permitiram evoluir nosso entendimento dos conceitos abordados no evento. (BUENO, 2017)

Diante da parceria com o Goethe Institut, o Vila Flores pode mostrar seu projeto para além de suas fronteiras geográficas e conhecer outras ações inovadoras que possibilitam refletir sobre a sustentabilidade do desenvolvimento econômico. O aprendizado, os contatos, a troca de experiências, a aproximação com os atores locais, os espaços visitados e a rede de relações formadas foram aspectos que vieram somar as práticas já adotadas na gestão da Associação.



5 O PAPEL DO CENTRO CULTURAL VILA FLORES NO DESENVOLVIMENTO

A partir dessas experiências, pode-se perceber no Vila Flores, a abordagem de PIMENTA (2014) quanto a importância de pensar o desenvolvimento em dimensões do humano e valorizar os elementos sociais, históricos e culturais. O prédio do Vila Flores foi construído, na década de 1920, na região do 4º. Distrito onde trabalhadores imigrantes e a população local formaram uma diversidade cultural que resultou numa identidade com alto grau de autonomia e pluralidade, conforme destaca BALTAR (2015).

ALBAGLI (2004) coloca que é no território que age um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais, e que na territorialidade o vivido territorial acontece e as práticas sociais são reflexos das relações com o meio de referência. Nesse aspecto, vê-se que o Vila Flores constrói sua trajetória, convivendo com a comunidade local e tecendo a participação dos residentes na tomada de decisões e no envolvimento das diferentes atividades culturais empreendidas. O estatuto trás a forma como seus associados devem agir, através de seus direitos e deveres. Importante mencionar a relação próxima que existe entre o Vila Flores e as escolas do entorno que participam ativamente das atividades culturais e que colocam no seu planejamento pedagógico essa prática social. Soma-se a isso, a parceria do Vila Flores com o Instituto Goethe que oportuniza a participação de representantes do Vila nos eventos internacionais permitindo trocar experiências e conviver com outras propostas culturais e sociais.

Como aponta ALBAGLI (2004) quanto à dimensão simbólica do território e formação da identidade, percebe-se que a identidade do Vila Flores está associada à cooperação, colaboração e participação. Esses aspectos são evidenciados pela Associação quando da elaboração do projeto submetido ao edital do Estado, que apontava que o Vila Flores se propunha a construir coletivamente seu conhecimento, oportunizando acesso a todos os públicos e aproximando a comunidade local com os grupos residentes no Vila Flores. Ou seja, a prática do Vila Flores se caracteriza pelo intercâmbio de conhecimentos entre os grupos, por ações coletivas, participativas e populares. Nesse aspecto, PUTNAM (1996) coloca que a colaboração é um importante elemento do capital social, e FILHO (2001) reforça que são as



comunidades voltadas à colaboração e a participação que valorizam a importância do trabalho conjunto e as mais preparadas para criarem e inovarem.

Por fim, ALBAGLI (2004) coloca que as interações locais nas regiões são elementos de dinamização dos processos de inovação, aprendizado, cultura empreendedora, cooperação tecnológica, produtiva, comercial entre outras, e pode-se ver que as atividades culturais do Vila Flores geram desdobramentos importantes na criação de redes de negócios, formação de público, conhecimento, educação e acessibilidade. Os produtos culturais gerados tendem a gerar riqueza e desenvolvimento local uma vez que estimulam a circulação de bens, pessoas e ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou o Centro Cultural Vila Flores trazendo uma revisão bibliográfica sobre desenvolvimento local e sobre a capacidade que os territórios de se organizarem. As formas como os mesmos são caracterizados, sejam polos de desenvolvimento ou arranjos produtivos locais entre outras denominações, atestam a dinâmica das relações entre atores, instituições, cultura e procedimentos, e servem para pensar o território numa dimensão mais humana voltada às ações coletivas e históricas.

Nesse aspecto, o Centro Cultural Vila Flores se destaca na região do 4º Distrito, como um espaço colaborativo onde as ações são construídas de forma compartilhada e cooperada entre seus residentes e comunidade do entorno. A forma como foi constituído historicamente o local, lhe permitiu construir uma identidade própria, refletindo no modelo de gestão adotado. As parcerias feitas, tanto do setor público como privado, criam oportunidades para levar o projeto Vila Flores além das fronteiras locais permitindo conhecer outras iniciativas culturais sustentáveis que sejam importantes para o desenvolvimento dos territórios.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidade. In: BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo; LAGES, Vinícius N. **Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: Sebrae, 2004.



ASSOCIAÇÃO VILA FLORES. **Projeto Vila Flores: uma experiência aberta.** Porto Alegre, 2016.

_____. **Estatuto.** Porto Alegre. 2014.

_____. **Relatório Detalhado da Conclusão do Projeto.** Porto Alegre, 2017.

BALTAR, Lucia Scorza. **O Distrito Cultural: a mudança no imaginário do 4º Distrito de Porto Alegre.** 2015. Monografia (Graduação em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

BOISIER, Sergio. Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 111-147, junho. 1996.

BUENO, Aline. **Parcerias do Vila Flores.** Entrevista com Aline Bueno. 2017. Impresso.

COELHO, Vera Schattan; FAVARETO, Arilson. **Dilemas da participação e desenvolvimento territorial.** Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, Bahia, Ano X, nº 18, dez/2008. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1034/812>> Acessado em: 20 abr. 2017.

COSTA, Eduardo José Monteiro da. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional.** Brasília DF, Mais Gráfica, 2010.

FILHO, Jorge Renata de Souza. **Participação e cooperação: elementos para uma nova política de desenvolvimento regional.** Ensaio Fee, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 86-114, 2001. Disponível em: <http://hdrnet.org/587/1/Links%20BQ/68_Desenvolvimento_regional_endogeno_capital_social_coopera.pdf> Acessado em: 20 abr. 2017.

GOETHE INSTITUT. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/rio/kur.html>> Acesso em: 20 mar. 2017.

KLINK, Jeroan Johannes. **Novas governanças para as áreas metropolitanas: o panorama internacional e as perspectivas para o caso brasileiro.** Cadernos Metrôpole, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 415-433, jul/dez 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5941/4294>> Acessado em: 20 abr. 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista**

2017

VIII Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Taubaté, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 44-66, set. 2014. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1471/394>>. Acessado em: 3 jan. 2017.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VILA FLORES. Disponível em: < <https://vilaflores.wordpress.com/> > . Acessado em: 15 mar. 2017.

WALLIG, Antonia; SIELSKI, Lucas. **Projeto Vila Flores. Práticas artísticas colaborativas pela revitalização de processos criativos no meio urbano.** Encontro Nacional ANPAP, Belém, 2013.